



ARTIGO DE PESQUISA

VIOÊNCIA ESCOLAR: UMA PERCEÇÃO DA CAUSA NA VISÃO DO PROFISSIONAL NÃO DOCENTE

SCHOOL VIOLENCE: AN AWARENESS OF THE CAUSE IN VIEW OF THE NON-TEACHING PROFESSIONAL

LA VIOLENCIA ESCOLAR: UNA PERCEPCIÓN DE LA CAUSA DESDE EL PUNTO DE VISTA DEL PROFESIONAL NO DOCENTE

Luciana Lourdes Queiroga Gontijo Netto Maia¹, Rayssa Nogueira Rodrigues², Mariana Aparecida Costa², Gabriel Alves Tataqiba³, Jaqueline Santos³

RESUMO

Trata-se de um estudo qualitativo cujo objetivo é analisar os significados que a violência assume bem como as formas como manifesta sua causa a partir de depoimentos de funcionários de uma escola pública de um município mineiro. No que tange as causas, os entrevistados inferiram a relação com o professor; família; ausência/desconhecimento de motivos; conflito gerado fora do ambiente escolar como possíveis preditores do fenômeno. Debruçada na protagonização que dispõe a violência escolar, a abordagem dispôs, em sua maioria, à condição social do indivíduo. Conclui-se que a violência tem origem multifatorial, mas que a escola constitui fonte privilegiada de mediação da violência visto que é neste ambiente que se revela a dissonância no sistema remetendo a reprodução de desigualdades. Sua missão de ser democrática e inclusiva não é acompanhada pela demanda social, assim, o que se evidencia é um ambiente de segregação e exclusão ao outro. **Descritores:** Comportamento do adolescente; Violência; Educação.

ABSTRACT

This is a qualitative study aiming to examine the meanings that violence takes and the ways it manifests its cause from statements of employees of a public school in a municipality of Minas Gerais. Regarding the causes, respondents inferred the relationship with the teacher, family, absence/lack of reasons; conflict generated outside the school environment as possible predictors of the phenomenon. Perched on protagonization to school violence, the approach focused mostly the social condition of the individual. It is concluded that violence is multifactorial in origin, but the school is a source of privileged mediation of violence as it is in this environment that dissonance in the system reveals the forwarding the reproduction of inequalities. Its inclusive and democratic mission is not accompanied by social demand, thus, what is evident is an environment of segregation and exclusion to the other. **Descriptors:** Adolescent behavior; Violence; Education.

RESUMEN

Se trata de un estudio cualitativo con el objetivo de examinar los significados que toma la violencia y las formas como manifiesta su causa a partir de declaraciones de empleados de una escuela pública en un municipio de Minas Gerais. En cuanto a las causas, los encuestados infieren la relación con maestro, familia, ausencia/desconocimiento de motivos; conflicto generado fuera del entorno escolar como posibles predictores de este fenómeno. Apoyado en la protagonización que dispone la violencia escolar, el procedimiento que focalizó, en su mayoría, la condición social del individuo. Se concluye que la violencia es multifactorial en su origen, pero que la escuela es una fuente de mediación privilegiada de la violencia, ya que es en este ambiente que la disonancia en el sistema se revela relacionada a la reproducción de desigualdades. Su misión inclusiva y democrática no está acompañada de la demanda social, así que lo que es evidente es un entorno de segregación y exclusión al otro. **Descritores:** Conducta del adolescente; Violencia; Educación.

¹Doutoranda em Enfermagem - EE/UFMG, Mestre em Enfermagem - EE/UFMG. Professora do curso de Enfermagem da Universidade Federal de São João Del Rei - Campus Centro Oeste Dona Lindu (UFSJ-CCO). ²Acadêmico(a) do curso de Enfermagem da Universidade Federal de São João Del Rei - Campus Centro Oeste Dona Lindu (UFSJ-CCO). ³Discente do Ensino Médio. Bolsista da FAPEMIG - PIBIC Júnior.

INTRODUÇÃO

Diante dos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um fenômeno indispensável à humanidade, cabendo-lhe a função de fazer com que as pessoas frutifiquem uma aptidão invulgar e potencializem sua originalidade⁽¹⁾. Vista como o mais importante espaço de formação cidadã, à escola são delegadas muitas incumbências que, apesar desse escopo⁽²⁾, suas ações assumidas estão incongruentes com esse modo de responsabilização.

De modo específico, o papel da escola ancora há anos em um quadro concreto de disposição de relações desiguais; recursos materiais e físicos incompatíveis com as necessidades; salas abarrotadas de alunos, contribuindo para conflitos interpessoais; falta de preparo adequado por parte de professores para lidar com condutas de indisciplina e, mesmo com uma política educacional de universalização do acesso à escola, tal expansão não foi acompanhada de uma ação que priorizasse a qualidade. Ou seja, apesar do contexto e função social em que a escola se insere, o que se observa é que este espaço está por reforçar a indisciplina⁽³⁾.

É certo que esse fenômeno social perpassa a escola. Essa enumeração refere-se a experiências sociais que ocorrem, obrigatoriamente, antes e durante a idade escolar, em que a criança e/ou adolescente inserido em uma família e comunidade estabelecem relações com os outros e apreende o saber e o fazer⁽¹⁾.

Essa complexa teia de significados e práticas que caracterizam a instituição escolar, por vezes, é acrescida quando se discutem as relações estabelecidas entre alunos e funcionários da escola. Estes, identificados por nomenclaturas diversas: merendeiras, bibliotecários, faxineiros e, principalmente, por exercerem a função de

meros executores de ofício, são chamados atualmente para uma nova missão, em face das profundas e completas mudanças que atravessam a sociedade e a escola⁽⁴⁾.

Dessa forma, a aprendizagem, função precípua da escola, contextualiza um todo de sujeitos indo além dos limites da sala de aula e transmissão de conteúdos, lutando pela consideração de todos os integrantes da escola como protagonistas do processo educativo. Tal entendimento ajuda a apontar o traço pedagógico próprio às funções do trabalhador não-docente, redimensionando sua relevância e sua ação educativa a estágios mais definidos, tanto em termos sociais quanto profissionais⁽⁴⁾.

Sabe-se que um conjunto significativo de questões, ainda que pouco exploradas, afetam os processos educativos, em especial a violência escolar, fato que não se restringe somente a agressões, mas sim qualquer ato sobre a vida de indivíduos em que se rompem regras de convívio⁽⁵⁾. Mais que um aspecto histórico de disparidades sociais, importa refletir um atual traço que caracteriza acentuadamente a população mundial. Nesse contexto contemporâneo, que coloca o ser humano em contato com as constantes mudanças, o “novo” e o “ter” são reconhecidos e ostentados por aqueles que objetivam o poder. Portanto, o que se observa é que um indivíduo só se encontra satisfeito frente à desvalorização do outro, perdendo assim a dependência mútua entre os homens, o companheirismo, a solidariedade⁽⁶⁾. A sociedade capitalista em que remonta todo o ser também é um fator que concerne o modo de produção e que contribui em diversas maneiras para o mecanismo de exclusão social, determinando assim, um perfil individualista do ser humano⁽⁷⁾.

Embora a violência sempre tenha existido, o fenômeno vem obtendo cada vez maior evidência social. Hoje assume uma multiplicidade de formas e sua incidência

aumenta, assim como o envolvimento de pessoas cada vez mais jovens⁽⁸⁾. Ela se manifesta no cotidiano como uma ameaça à integridade física, psíquica, culminando cada vez mais a diferentes formas no âmbito escolar, comprometendo progressivamente a qualidade da educação⁽⁹⁾.

O tema é complexo e por anos tenta suprimir essa percepção de fenômeno característico às regiões menos favorecidas socioeconomicamente do país. Por essas razões, a apreciação das causas que geram condutas violentas nas instituições de ensino impõe alguns desafios aos pesquisadores, profissionais do ensino e comunidade⁽¹⁰⁾.

Portanto, partindo-se do princípio de que entender a violência requer conhecimento de suas causas, torna-se imprescindível fazer o levantamento do estado atual, principalmente, corroborando com a visão de atores envolvidos nesse contexto a fim de certificar problemas e viabilizar as prováveis ou possíveis soluções⁽⁶⁾.

Diante tal discussão, o trabalho tem como objetivo compreender os fatores envolvidos na causa da violência escolar, frente à declaração de funcionários de uma escola estadual de ensino fundamental e médio do município de Divinópolis-MG, uma vez que em uma revisão recente de estudos nacionais sobre intervenções realizadas no ambiente escolar observaram-se raros estudos dirigidos para a prevenção de comportamento agressivos dos adolescentes no ambiente escolar frente a ações de funcionários. Em geral, revelam-se intervenções carreadas, em sua maioria, por professores.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa⁽¹¹⁾, do tipo descritiva. Diante da natureza do objeto optou-se por desenvolver uma pesquisa que tem como delineamento, pesquisa de campo.

A pesquisa se deu por entrevista aberta conduzida pela questão norteadora: “Conta pra mim, em sua opinião, quais são os motivos que levam a ocorrer a violência na escola?”, emergindo a partir dessa questão uma percepção do “porquê” da violência. Efetuada individualmente, na própria escola em horários previamente agendados, registradas em gravação de áudio, devidamente autorizadas pelos sujeitos da pesquisa.

Realizada no município localizado na macrorregião oeste de saúde do Estado de Minas Gerais, compôs a população deste trabalho 10 (dez) funcionários de uma escola pública de ensino fundamental e médio. O parâmetro para encerramento das entrevistas foi o critério da saturação, ou seja, quando as informações fornecidas pelos participantes da pesquisa pouco acrescentavam ao material obtido⁽¹²⁾. Foram elegíveis os funcionários que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o termo de consentimento. Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital São João de Deus - Fundação Geraldo Corrêa sob Parecer Nº. 115/2011 e pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Campus Centro-Oeste da UFSJ (CEPES/CCO) sob Parecer Nº. 016/2011. Para preservar o anonimato, cada entrevistado foi identificado com um código “EF” (entrevista com funcionário), seguidos de números naturais de acordo com a ordem cronológica de sua realização. A pesquisa foi conduzida de acordo com padrões éticos exigidos pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, respeitando os critérios de equidade, voluntariedade, autonomia, beneficência e não maleficência, confidencialidade das informações, confiabilidade e privacidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente fez-se a transcrição das entrevistas gravadas para proceder à organização dos relatos. O conteúdo das

entrevistas foi disposto em uma ampla categoria temática: “percepção do porquê da violência escolar”, sublinhando segmentos de texto que permitiram a seleção de unidades de significação, emergindo assim quatro Unidades de Significado: relação com o professor; relação com a família; ausência/desconhecimento de motivos; conflito gerado fora do ambiente escolar. A análise do material empírico seguiu os princípios de análise de conteúdo, proposta por Bardin⁽¹³⁾. A maioria dos sujeitos entrevistados era do sexo feminino, com residência no bairro da instituição ou em bairros próximos; 50% trabalhavam no turno da manhã, 20% à tarde e 30% à noite. Predominou o vínculo empregatício único, com tempo médio de serviço de 13 anos. A escolha dos entrevistados ocorreu de forma aleatória, considerando a disponibilidade e interesse. O estabelecimento da caracterização das condutas violentas feitas pela população do estudo é investigado segundo preditores centrados, em sua maioria, no ambiente social do indivíduo praticante da ação. Tal posicionamento é confirmado por um estudo que refere as características temperamentais do indivíduo que, combinadas aos estressores da comunidade e família, como pobreza e conflitos parentais, favorecem que os indivíduos se apoiem em comportamentos agressivos⁽¹⁴⁾. Assim, todo ato de agressão envolve múltiplas causas em que atuam variáveis relacionadas às pessoas e ao ambiente social, como o contexto no qual o indivíduo está inserido⁽¹⁵⁾. Em geral, a origem para as atitudes violentas, não foi claramente referida em função da predisposição pessoal, ou seja, aos fatores intrínsecos ao indivíduo agressor, bem como a vulnerabilidade física da instituição como fatores deterministas, pois segundo alguns autores, o espaço degradado concerne uma figura de incapaz proteção por parte da comunidade e governo, o que favorece o

ensino do jovem agressor⁽¹⁶⁾. Pode-se pressupor que existem tantas outras variáveis instigando o comportamento hostil desses jovens que raramente emergiu, por parte dos entrevistados, tipologias motivacionais que atendam às diferentes dimensões do problema, embora o fenômeno seja multideterminado e complexo⁽¹⁷⁾.

Não recortando a capacidade potencial dos entrevistados, considera-se que essa compreensão da dinâmica envolvida na violência, está à mercê de seu cotidiano. Considera-se que as experiências são construídas nas diferentes vivências, relações e interações sociais mediadas pelas individualidades e situação social em que estão inseridos. Neste enfoque, o conhecimento se baseou naquilo que vê e se articula⁽¹⁸⁾.

“Já é uma carga vindo de casa, de berço mesmo.” EF1

“[...] Eu acho que tudo que acontece aqui, é reflexo do que tem em casa. Infelizmente, é tudo que eles vivem lá, eles trazem para dentro da escola.” EF3

Frente a essa discussão, por vezes a visão de que o ambiente social é a principal causa do comportamento agressivo corrobora com a consideração feita por alguns autores, em que definem a violência como um fato social complexo e refuta-se que não ocorre um ato intitulado violência, e sim violências, as quais se conformam em expressões da exacerbação de conflitos sociais cujas particularidades necessitam ser consideradas⁽¹⁸⁾. Quando se aplica esse conceito, está se referindo a tudo aquilo que é capaz de praticar algum tipo de coerção sobre um sujeito, por exemplo, a família. Assim, a moral, costumes, maneira de agir desse grupo social condicionam as ações de determinado indivíduo. Outro fator que atrela esse fenômeno configura-se na ação

profissional. Inseridos no ambiente escolar, professores e funcionários são preparados por uma formação que recai em uma visão simplista, preparando-os para atuar junto a um modelo padrão de aluno. Considerar as adversidades, potencialidades, linhas de raciocínio, especificidades culturais, religiosas e econômicas do aluno torna a construção de um olhar atento e provedor de sabedoria como ferramenta útil para mediar situações que qualifiquem e/ou contribuam com o cenário atual⁽¹⁸⁾. Assim, é importante compreender a adolescência em suas especificidades e diversidades nesse período do ciclo vital, contextualizando-a na cultura e na sociedade na qual está inserida⁽¹⁹⁾. Levando em consideração as particularidades mencionadas, houve aqueles que proferiram sobre laços de carinho vivenciados com os alunos que repercutiam numa melhor postura destes.

“[...] a carência afetiva deles, a falta de toque. Eu tô com um menino aí que já veio não sei quantas vezes para eu tirar o aparelho dele. [...] Ele gostou de puxar a bochecha dele sabe?! [...] A gente vê que quer um abraço, um aperto, um toque. A distância do pessoal (professores e funcionários) tá muito grande [...]” EF1

“[...] o professor hoje em dia deve dar muito amor e parece que os alunos de hoje em dia está precisando de muito amor, muita conversa.” EF8

Assim, a disciplina é constantemente associada à noção de limites, fazendo com que as escolas se inquietem com o controle do comportamento dos alunos e centrem a educação na imagem do professor. Contudo, intervenções seletivas são defendidas em um estudo a alunos com grau severo de comportamento inadequado desde que essas medidas sejam aplicadas no final da pré-escola e nas séries iniciais do Ensino

Fundamental, sendo o foco universal apenas para atividades preventivas⁽¹⁴⁾. Portanto, o ambiente rígido inviabiliza erigir um projeto pedagógico sólido que possa levar o aluno a valorizar a escola. Talvez o caminho fosse promover uma organização interativa, onde as normas satisfaçam o todo. Sabe-se que a escola possui uma estrutura semelhante no que tange à racionalidade exigida por outras estruturas. Por essa razão, a escola opera a fim de preparar o indivíduo a viver em conformidade com um tipo de educação moral, que difere da educação moral facultada pela família, não sendo a sua mais importante função, a afetiva. Porém, este problema deve ser avaliado de forma mais profunda, uma vez que se sabe que o desemprego, a baixa escolaridade e demais fatores estressantes vivenciados pela família interferem diretamente em sua relação com a educação para com os filhos⁽²⁰⁾.

Esse jogo de “empurra” remonta a questão de que esse problema vai além de fatores que vinculam a instituição escolar, bem como a família. Adquirindo um caráter endêmico, conclui-se que a violência é orientada em várias nuances como um fenômeno biopsicossocial multifacetado⁽²¹⁾. Logo, houve funcionários que referiram uma ausência de pretexto que justificassem a indisciplina desses alunos. Mas essa emersão de opinião corrobora com aquilo encontrado na literatura, em que, um comportamento antissocial não se desenvolve somente em relação ao ambiente de criação, mas também pela predisposição genética⁽²²⁾.

“[...] eu chamo de rebeldia sem causa [...]” EF4

Todavia, quando um fenótipo é favorável, isto é, que se exprime de maneira agressiva, hostil, possivelmente irá contribuir para a manifestação de um traço determinado geneticamente. Assim, a escola, alienada a alteridade cultural, política, social e

convivência estreita, imbuí-se a aspectos conjunturais que propiciam a violência. Diante disso, houve aqueles que deram mais de um enfoque para analisar a natureza e gênese da violência escolar.

“A violência que eu vi acontecer nesta escola não era de um problema gerado na escola [...] dois alunos que se encontraram aqui e resolveram discutir [...]” EF4

“[...] geralmente eles brigam mais por causa de namoradas.” EF6

Porém, a violência que ocorre no ambiente escolar não essencialmente envolve um sujeito externo (“ganguê” que veio “acertar contas” com algum estudante). Os valores morais e sociais ofuscados do jovem se encontram, na maioria das vezes, perturbados em meio a questões contextuais como pobreza, desigualdade social, discriminação. Portanto, uma frágil relação estabelecida entre alunos, aluno-professor, aluno-funcionário dentro do ambiente escolar possibilita um encontro de dilemas que, se não forem pautados por reflexões de respeito, contribuirão para uma problematização constante do viver em coletivo⁽²³⁾. Discorrida essa abordagem, entende-se que uma das principais instituições que deveriam garantir proteção e desenvolvimento saudável aos jovens se mostra cada vez mais vulnerável à manifestação da violência⁽²⁴⁾. Assim, deve-se entender a relação família/escola como interdependente. Compreender o ambiente escolar como um espaço efetivo de diálogo com os pais ou responsáveis para que sejam contestadas e pensadas formas de batalhar contra o comportamento agressivo dos alunos. Porém, não deve acontecer com o intuito de uma instância delatar a outra, mas com o reconhecimento de ambas como instituições que devem instaurar parcerias efetivas para, juntas, promover mudanças⁽²⁵⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação social existente leva, em muitas circunstâncias, ao aumento da violência que, por sua vez, tem reflexos no ambiente escolar. A violência é, assim, uma questão com que se embate a sociedade atual e a escola, incorporada nessa sociedade, não está isenta desse mal. Não se pode, portanto, discorrer sobre a violência na escola sem compreendê-la no âmbito social mais amplo que, apesar da complexidade e dos desafios que a escola enfrenta, não pode deixar de admitir a sua imprescindível importância para formação do ser-humano.

O assunto violência deve ser inserido no planejamento curricular dos cursos de graduação em saúde e educação e ainda em cursos de nível médio, local em que se insere o trabalhador não docente, objetivando a inclusão destes na formação dos futuros profissionais, a fim de terem mais ferramentas de abordagem nas situações habituais de violência.

Assim, é possível, a partir deste estudo, delinear o caminho emergente das políticas públicas designadas à diminuição da violência na escola. Vendo os funcionários como também protagonistas desse contexto que envolve as escolas, políticas públicas devem ser submetidas neste ambiente com esforços para valorização de seu trabalho e ainda a importância de se retratar de forma mais concisa todas as suas responsabilidades e deveres frente à óptica da violência escolar. Importando assim, sua participação na elaboração na proposta pedagógica.

REFERÊNCIAS

- 1- Delors J, Al-Mufti I, Amagi I, Carneiro R, Chung F, Geremek B, et al. Educação: Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 1996. Disponível em:

<http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>

2- Oliveira JR, Gomes MA. Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar. *Educação por Escrito* 2012;2(2):1-13.

3- Garcia J. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. *Revista Paranaense de Desenvolvimento* 1999;95:101-08.

4- Ministério da Educação (BR), Por uma política de valorização dos trabalhadores em educação. Em cena, os funcionários de escola. Brasília (DF): Ministério da Educação; 2004.

5- Castro ML, Cunha SS, Souza DPO. Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra do Garças, MT. *Rev. Saúde Pública* 2011;45(6):1054-61.

6- Souza MR. Violência nas escolas: causas e consequências. *Caderno Discente do Instituto Superior de Educação* 2008;2(2):41-61.

7- Severo SSG, Franco AF. O professor frente aos desafios da violência escolar. 2011. [acesso em 3 ago 2012]. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4267_2393.pdf

8- Salles LMF, Silva JMAP. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. *Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel* 2008;(30):149-66.

9- Eyng AM, Gisi ML, Ens RT. Violências nas escolas e Representações sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar. *Rev. Diálogo Educ.* 2009;9(28):467-480.

10- Sposito MP. A instituição escolar e a violência. *Cadernos de Pesquisa* 1998; (104): 58-75.

11-Silverman D. Interpretação de dados qualitativos: Métodos para análise de entrevistas, textos e interações. 3ªed. Porto Alegre: Artmed; 2009.

12- Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. A amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad Saúde Pública.* 2008;24(1):17-27.

13-Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo (SP): Edições 70; 2011.

14- Luizzi L, Rose TMS. Intervenções para a prevenção e redução de comportamentos agressivos e a formação de professores. *Temas em Psicologia* 2010;18(1):57-69.

15- Goldstein AP. The psychology of vandalism. New York: Plenum Press; 1996.

16- Brown BB, Perkins DD; Brown G. Incivilities, place attachment and crime: Block and individual effects. *Journal of environmental psychology.* 2004;24(3):359-71.

17- Felipe ML, Kuhnen A. Vandalismo na escola: Proposta de um modelo de avaliação do estado de conservação ambiental. *Quaderns de Psicologia.* 2011;13(1):63-79.

18- Cocco M, Lopes MJM. Violência entre jovens: dinâmicas sociais e situações de vulnerabilidade. *Rev. gaúch. enferm* 2010;31(1):151-59.

19- Melo MCB, Barros ÉN, Almeida AMLG. A Representação da violência em adolescentes de escolas da rede pública de ensino do Município do Jaboatão dos Guararapes. *Ciênc. saúde coletiva* 2010; 16(10):4211-20.

20- Elsen I, Próspero ENS, Sanches EM, Floriano CJ, Sgrott BC. Escola: Um espaço de revelação da violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Psicol. Argum.* 2011;29(66):303-14.

21- Silva RGD. Discutindo Algumas Faces do Fracasso Escolar Como um “Sintoma” da Violência Escolar: do individual à instituição. *Educação: Teoria e Prática* 2011;21(36):84-100.

22- Kleinhans ACS. O treino cognitivo de controle da raiva: o passo a passo do tratamento. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas* 2010;6(1):195-202.

23- Santos FPA, Vidal LM, Bittencourt IS, Boery RNSO, Sena ELS. Estratégias de enfrentamento dos dilemas bioéticos gerados pela violência na escola. *Physis* 2011;21(1):267-81.

24- Malta DC, Souza ER, Silva MMA, Silva CS, Andreazzi MAR, Crespo C, et al. Vivência de

violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). Ciênc. saúde coletiva 2010;15(1):3053-63.

25- Tortorelli MFP, Carreiro LRR, Araújo V. Correlações entre a percepção da violência familiar e o relato de violência na escola entre alunos da cidade de São Paulo. Psicol. teor. prat.2010;12(1):32-42.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e à PROPE-UFSJ-PIIC pelo financiamento parcial desse estudo por meio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica.

Recebido em: 24/01/2013

Versão final em: 22/03/2013

Aprovação em: 30/03/2013

Luciana Lourdes Queiroga Gontijo Netto Maia
Endereço: Rua Sebastião Gonçalves Coelho, 400.
CEP 35501-296 - Chanadour
Divinópolis - Minas Gerais - Brasil
E-mail: lunettomaia@gmail.com